

## **HISTÓRIAS DE QUILOMBO: MEMÓRAS E IDENTIDADE COLETIVA NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MITUAÇU, CONDE – PARAÍBA**

Aline Maria Paixão; Thayonara Santos; Patrícia dos Santos Pinheiro

*Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba*

Email: [aline.ppaixao@gmail.com](mailto:aline.ppaixao@gmail.com); [thayonara00@gmail.com](mailto:thayonara00@gmail.com); [patriciasantspinheiro@gmail.com](mailto:patriciasantspinheiro@gmail.com)

**Resumo:** Desenvolvidas através de oficinas e expedições, as atividades descritas atuam na intenção de abordar práticas e saberes da comunidade quilombola de Mituaçu, identificados pelos próprios moradores da região. O registro dessas memórias vem sendo feito desde 2017, quando o projeto de extensão Histórias de Quilombo teve seus primeiros encaminhamentos com os alunos da escola Ovídio Tavares de Moraes, da modalidade EJA, que atuaram na produção imagética de práticas locais. Prezando o diálogo com a Antropologia Visual na metodologia utilizada, os alunos apontaram alguns locais dignos de registros em Mituaçu, considerando a importância que representam na vida e no construto da sua identidade, resultando em vídeos e fotografias feitas pelos estudantes quilombolas, a partir de troca de vivências entre moradores da comunidade e alunos da universidade. Em sua segunda fase, o projeto vem sendo executado com a participação de crianças do 5º ano da mesma escola, ainda sob a mesma perspectiva, realizando registros que estimulem e disseminem conhecimentos locais, tais como o manejo das plantas de usos tradicionais em Mituaçu, norteados pela contribuição de moradoras mais antigas da comunidade, na qual suas narrativas reacendem práticas ancestrais cruciais na sistematização dos produtos coletivos resultantes do projeto. A atuação das crianças é instigada na elaboração de desenhos, tintas naturais, pinturas e herbário, com o propósito de refletir sobre seu lugar de origem, seus olhares sobre o mesmo, sem deixar de lado a história local e suas influências nas trajetórias quilombolas.

**Palavras-chave:**

Escola Quilombola, Mituaçu, Antropologia Visual, Extensão Universitária.

### **Introdução**

A comunidade quilombola de Mituaçu está localizada na zona rural do município do Conde, litoral sul da Paraíba. Com cerca de 300 famílias, atualmente a comunidade tem uma população de aproximadamente 1.000 pessoas que vivem protegidos pelos rios Gramame e Jacoca, com acesso essencialmente por meio de pontes. Mituaçu se encontra já próxima ao mar, onde o rio Gramame faz a divisa entre o município de João Pessoa e do Conde, e deságua no oceano na Barra de Gramame.

(83) 3322.3222

[contato@cintedi.com.br](mailto:contato@cintedi.com.br)

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

A comunidade, autorreconhecida como remanescente de quilombo, possui uma relação íntima com o território que ocupa, no qual muitos desenvolvem a pesca, a agricultura familiar, a coleta e o artesanato, itens de subsistência e também comercializados nas feiras livres do Conde e de João Pessoa. Dada a dificuldade atual em obter renda destas atividades, prejudicadas por poluição industrial, agrícola e urbana no rio Gramame, muitas pessoas necessitam trabalhar fora.

De modo mais amplo, há um número significativo de comunidades negras no Brasil e na Paraíba<sup>1</sup> demandantes de ações de reconhecimento público, o que inclui o direito às suas memórias, ora invisibilizadas, ora essencializadas. Considerando que as identidades estão em constante processo de reelaboração, o compartilhamento de saberes ancestrais é um ponto essencial. Ao mesmo tempo, as atuais formas de comunicação também se tornaram importantes, com acesso a redes sociais e outros meios, mesmo com os limites ao acesso a esses canais que se impõem em áreas rurais.

A Escola EMEIEF Ovídio Tavares de Moraes abriga o ensino fundamental I e II e o ensino de jovens e adultos – EJA, respectivamente em turno diurno e noturno. O ambiente escolar e a aproximação com os estudantes de EJA foram o ponto inicial do projeto de extensão História de Quilombo: registros audiovisuais com comunidades quilombolas. A partir disso, com o apoio e participação ativa da direção e dos professores da escola, iniciaram-se, em julho de 2017, as oficinas semanais, acrescidas de vivências de campo para registros audiovisuais. Neste período, procurou-se instigar o debate sobre elementos, locais e saberes da comunidade que fossem registrados a partir do uso de novas possibilidades introduzidas com as tecnologias digitais, vivenciando o uso de ferramentas acessíveis para a elaboração de fotografias e vídeos. Assim, por meio destas reflexões, procuramos aproximar os estudantes quilombolas dos registros imagéticos de saberes locais, em diálogo com a Antropologia Visual, assim como proporcionar a aproximação de estudantes da UFPB com a comunidade e da comunidade com a universidade.

Em proximidade com o rico trabalho desenvolvido pela escola, em uma segunda etapa do projeto optou-se por trabalhar com outra turma, com crianças do 5º ano, com um tema já abordado pela escola, o das plantas medicinais. Assim, no ano de 2018 procuramos

---

<sup>1</sup>Na Paraíba, Mituaçu é uma das 36 comunidades quilombolas que possuem a Certidão de Autorreconhecimento no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos expedida pela Fundação Cultural Palmares (FCP) a partir do critério da autoidentificação, previsto na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que o Brasil ratificou em 2002.

realizar oficinas que estimulassem o debate sobre conhecimentos locais a partir de plantas medicinais, tendo como produto uma cartilha de plantas medicinais construída a partir das oficinas.

Procuramos, por meio da oficina, estimular a reflexão crítica a respeito da realidade local associada ao uso de ferramentas digitais cotidianas, além de dar continuidade ao registro das memórias e práticas locais pelos próprios quilombolas. Para tanto, o projeto atualmente em curso tem realizado atividades práticas relacionadas à salvaguarda de saberes associados a plantas medicinais locais, tais como fotos, desenhos e herbário, elaborados pelos estudantes quilombolas e da UFPB.

## **Metodologia**

O projeto de extensão teve um momento inicial em 2018 de planejamento e ajustes da atividade, em que consolidamos a realização da atividade com a turma do 5º ano. As aulas acontecem em horário diurno (inicia 13h), com uma turma com 19 estudantes. O tempo de cada encontro foi de no máximo duas horas. Também foi realizada uma atividade fora da escola, a incursão à casa de uma moradora da comunidade para coleta de plantas e diálogos entre os estudantes e os mais velhos.

Como o projeto previa, desde o seu início, o uso de registro visual, entendendo-o não como um fim em si, mas sempre aberto a sugestões e a própria criatividade dos participantes, prezando a proposta de um fazer coletivo - a começar por decisões pequenas, até escolhas maiores e mais importantes - focamos na confecção de desenhos junto aos estudantes, trabalhando sempre seus olhares voltados ao espaço que ocupam, auxiliados pela reconstrução narrativa da memória local que foi de grande importância para a construção do trabalho coletivo e que serviu, inclusive, de apoio à criatividade das crianças.

As atividades iniciaram em abril de 2018<sup>2</sup>, com o total de seis encontros de duas horas cada. No segundo semestre de 2018 também está sendo realizada a sistematização, a complementação das informações, entrevistas com informantes locais e a elaboração da cartilha, além da organização de atividade de encerramento com os alunos, com reuniões semanais na UFPB para debate de textos e planejamento do projeto e das ações subsequentes. O monitoramento e a adaptação das atividades têm sido feitos ao longo do processo, selecionando as atividades mais adequadas junto com o corpo escolar.

---

<sup>2</sup> Uma atividade final está sendo planejada na escola, com a apresentação dos trabalhos.

Conforme detalhado no Quadro a seguir (Quadro 1), nos seis encontros desenvolvemos metodologias diversas, com o intuito do registro e diálogo sobre os conhecimentos locais. O desenrolar dos encontros serão descritos a seguir.

Conteúdo Programático	Descrição
<b>Encontro 1</b>	
Roda de apresentação	Apresentação dos participantes e dos objetivos da oficina
Elaboração de conteúdos	Debate sobre: Quais as plantas usadas em Mituaçu? Qual material a turma gostaria de produzir sobre as plantas de Mituaçu?
Exposição	Exibição de cordel, mapa, herbário.
Fazendo imagens I	Elaboração de um desenho sobre o tema e organização da “nossa caixa”.
<b>Encontro 2</b>	
Elaboração de conteúdos	A importância de valorizar elementos locais: O que eu quero ver? Como eu posso fazer isso acontecer? Falar um pouco sobre a história de Mituaçu
Sensibilidades	Atividade relacionada aos sentidos: Tintas e corantes Naturais
Fazendo imagens II	Desenho em cartolina sobre Mituaçu
Atividade extraclasse	Fazer uma pesquisa em casa sobre uma planta e levá-la na aula seguinte: quais usos, formas de preparo, histórias etc.
<b>Encontro 3</b>	
Sensibilidades	Atividade com os sons
Elaboração de conteúdos	Cada aluno deverá descrever a planta que trouxe: quais usos, formas de preparo, histórias etc.
Fazendo imagens III	Escolher uma das plantas e desenhá-la.
<b>Encontro 4</b>	
Atividade prática	Expedição ao redor da escola ou na casa de alguém para coleta de plantas
Elaboração de conteúdos	Organização dos materiais trazido pelos alunos
<b>Encontro 5</b>	
Sensibilidades	Brincadeira dos sentidos com a água
Elaboração de conteúdos	Revisão do herbário
Fazendo imagens IV	Elaboração de Arte Natural em quadros com as plantas, areia, terra etc.
<b>Encontro 6</b>	
Atividade	Elaboração de uma horta suspensa com garrafas pet

prática	Pintura das garrafas
Exposição	Exposição preliminar dos materiais elaborados

## Resultados alcançados

Na primeira atividade, foi feita a exposição das ações previstas para a oficina: inicialmente falamos da constituição de Mituaçu como um quilombo. Perguntamos o que os alunos sabiam da origem da comunidade, quais histórias, o que há de bom na comunidade etc. As respostas dos alunos foram elencadas no quadro, destacando o foco da oficina atual, os conhecimentos locais associados ao uso e manejo de plantas medicinais. Ao mesmo tempo, fomos introduzindo as seguintes indagações: quem gosta de desenhar? Quem já plantou algo? O que temos aqui?

Posteriormente, a partir da questão “o que podemos fazer?” apontamos as possibilidades de trabalhos práticos a partir dessas respostas e mostramos materiais como quadros, exsiccatas de plantas, mapas etc. Assim, propusemos que trabalhássemos com desenhos, tintas naturais, expedições na comunidade para visitar moradores detentores de saberes sobre as plantas, elaboração de um herbário com exsiccatas para depósito na escola, cartazes e quadros com materiais locais e uma horta suspensa.

Pensando em criar um ambiente que não fosse entediante, mas atrativo o suficiente para fazer com que as crianças se sentissem à vontade em estar ali, a equipe decidiu elaborar dinâmicas de aproximação, que auxiliassem no relacionamento com a turma e que também tivesse alguma relação com o conteúdo da oficina a ser realizada em seguida. No primeiro dia de oficina, iniciamos com uma dinâmica de apresentação, na qual fizemos uma roda e cada aluno tinha que se apresentar e fazer um gesto, que seria respondido por toda a turma com uma saudação e repetido, de modo cumulativo (a cada saudação, todos os gestos já feitos era reproduzido, entre risos e concentração para memorização de cada gesto). Após a finalização, refletimos sobre como só foi possível memorizar todos os gestos com a ajuda de todos, de modo a estimular o trabalho coletivo.

Trabalhamos algumas percepções nos alunos, levando brincadeiras relacionadas aos sentidos, como a dos sons, na qual os alunos tinham de ouvir diferentes sons, como de animais, de água, músicas, entre outros e associá-los aos sons que se ouve costumeiramente

em Mituaçu. Ainda exercitando o ouvir com as crianças, também fizemos algumas rodadas de *telefone sem fio*, na tentativa de fazer uma alusão aos saberes e práticas compartilhadas de maneira oral.

Outra ferramenta didática organizada no início das oficinas foi a “nossa caixa”: no primeiro encontro, solicitamos que a atividade finalizasse com um desenho individual sobre Mituaçu. Após, cada criança depositou o desenho em uma caixa que estava branca e “assinou” a caixa com a mão pintada de tinta guache. Combinamos que essa caixa acomodaria os trabalhos e ao final das oficinas a escola ficaria com ela como recordação.

Ao final de muitos dos encontros solicitamos que na semana seguinte os alunos trouxessem plantas e materiais de acordo com as atividades propostas, tais como elementos que pudessem ser usados para pinturas naturais, plantas para servirem de modelo para desenhos, minhocas para uma composteira, garrafas pet para uma horta suspensa etc. Em geral houve mobilização positiva dos alunos para essas demandas, que tinham como objetivo também a pesquisa extraclasse e o diálogo com pais e outros familiares.

Em todos os encontros, utilizamos desenhos. No primeiro, foram desenhos livres com lápis de cor e canetinhas. Em seguida, de um conjunto de plantas que eles trouxeram de casa pedimos que escolhessem uma para desenhar. Posteriormente, com tintas naturais e, por fim, com elementos da natureza, como sementes, folhas, terra etc.

Para elaboração das tintas naturais, levamos algumas coisas para auxiliar no preparo das mesmas como: potes, cola, maisena, pinceis e cartolinas. No caminho, paramos na ponte quase secular da divisa entre os municípios de João Pessoa e Conde para colhermos algumas oliveiras ou “jambolões” já caídos na estrada, que se somaram ao açafraão da terra e o café que levamos e aos com os materiais trazidos pelos alunos. Na escola, antes mesmo da hora da entrada dos alunos, já recebemos de um dos alunos, pelas grades da escola, uma sacola com areia preta. Quando os portões foram abertos, ao contrário do primeiro dia da oficina, escutamos uma correria e passos apressados. Os alunos entraram rapidamente na sala e foram logo nos entregando várias sacolas com materiais solicitados na aula anterior. Tratava-se de areia de várias tonalidades e com brilho, barro, sementes, folhas e flores. Todo material trazido foi exposto em cima de seis mesinhas escolares que foram juntadas ao centro da sala para que todos pudessem observar.

Iniciamos a oficina contando a história das três negras de Mituaçu, uma das histórias da ancestralidade negra da comunidade e como essa história estava relacionada com as práticas tradicionais do local e aos usos das ervas medicinais. Apenas dois alunos disseram já ter ouvido falar da história. Foi feita uma breve análise do material trazido junto com os alunos e como seria feito os experimentos. Depois dividimos os alunos em duplas, distribuimos um pote de plástico para cada uma, e, por fim, distribuimos um tipo de material aleatoriamente para cada par. No entanto, após a divisão, alguns alunos se sentiram insatisfeitos, manifestando o desejo de fazer o experimento sozinho e outros em trio, o que foi acatado.

Os alunos fizeram uma primeira mistura do material recebido com água, depois foi acrescentado cola e algumas também receberam maisena para encorpar a mistura.

No processo os alunos ficaram à vontade para usar a criatividade, podendo ainda na primeira mistura compor a tinta com mais de um tipo de material. Alguns alunos, após terminar a atividade em grupo, optaram por fazer individualmente, ou se uniram a outros colegas para fazer outra tonalidade de tinta. Três dos alunos não gostaram de seus experimentos e queriam se desfazer dele tentando jogá-lo no lixo na intenção de reutilizar o pote para a produção de uma nova tinta. É interessante observar que muitos deles deram sugestões de misturas para outras duplas.

A atividade durou em média uma hora e resultou em diversas tonalidades diferentes de tintas. Após, foram formados quatro grupos maiores e cada grupo recebeu uma cartolina branca e pinceis para que pintassem algo sobre Mituaçu utilizando as tintas que produziram em sala.

Nessa última atividade, tivemos dificuldades pela agitação da turma, a não aceitação da atividade em grupo, brigas paralelas, choro, cara feia e relatos de denúncias de ofensas sofridas. Ao fim da atividade os trabalhos foram afixados com fita adesiva na parede do fundo da sala de aula, fizemos o feedback das atividades com os alunos e finalizamos.

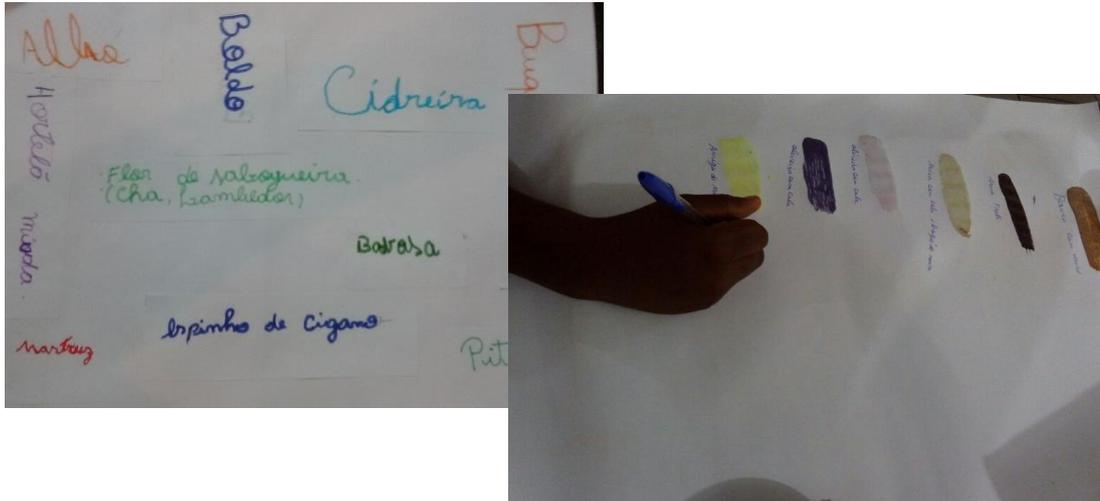


Figura 1 e 2: Na primeira, um primeiro conjunto de plantas listadas pelos alunos e na segunda, o catálogo das tintas naturais. Fonte: acervo do projeto, 2018.

Na semana seguinte, as atividades iniciaram de maneira positiva, com a colaboração e participação dos alunos nas atividades e dinâmicas realizadas. A turma ficou inquieta na metade do encontro e dois alunos derrubaram acidentalmente um dos equipamentos utilizados na oficina (notebook). Após uma conversa calma, aproveitamos o momento para falar o quanto a turma perde por não se ajudar, não nos ouvir e se ouvirem, nem respeitar o tempo de realizar as atividades. Como toda ação tem uma consequência, suspendemos a última dinâmica, com o intuito de que refletissem sobre a situação. Assim, foram as circunstâncias inesperadas que nos trouxeram à luz algumas questões pertinentes e que talvez fosse importante - à guisa de descrição da situação etnográfica<sup>3</sup> - seu registrar. Merece ressaltar o quanto o comportamento da turma mudou em resposta ao impacto pelo acontecido, mesmo que momentaneamente.

O encontro seguinte foi marcado pela realização de uma expedição com a turma nas proximidades da escola, para coleta de amostras de plantas (com todas as partes) para a elaboração das exsicatas. A coleta foi na casa de D. Maria Aparecida, moradora da comunidade que possui grande saber sobre plantas medicinais e falou, acompanhada de D. Berenice (in memoriam), sobre algumas plantas utilizadas em Mituaçu. A turma foi dividida

<sup>3</sup>A situação é, ao mesmo tempo, a circunstância na qual a condição, o ensejo e a oportunidade que o etnógrafo deve tornar favoráveis à obtenção dos dados e informações pertinentes ao seu projeto de pesquisa. Portanto, situação é circunstância e localização (SILVA, 2009).

em pequenos grupos, que receberam um kit para fazer a coleta: um caderno e caneta para anotar informações sobre as plantas, uma lupa para observar o material, um pequeno balde com pazinha de plástico, para a coleta.

Com essas plantas coletadas, a equipe do projeto realizou uma coleção de exsicatas, secando-as em armazenando-as em folhas separadas, que compuseram um fichário, junto com desenhos elaborados pelos alunos, material que ficará sob os cuidados da escola e também será a base iconográfica da cartilha que está sendo elaborada como possível material didático contextualizado à realidade local.

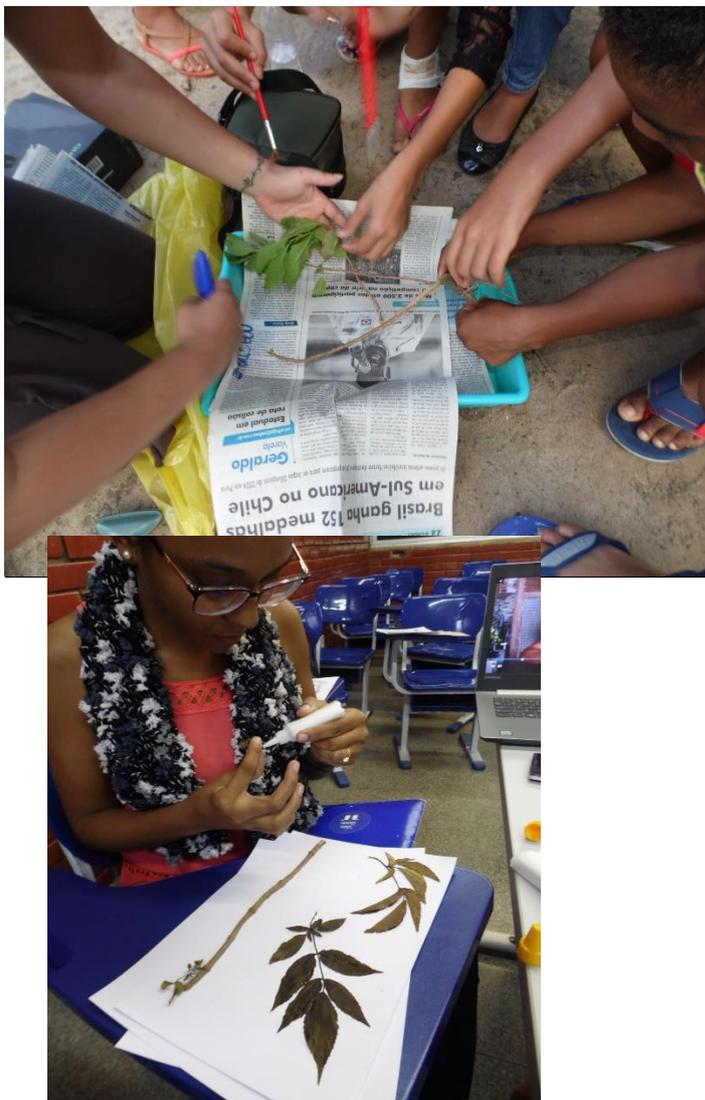


Figura 3 e 4 – Coleta e secagem das plantas para exsicatas. Fonte: Acervo do projeto, 2018.



Figura 5 – Desenho com sementes, terra e algodão. Fonte: acervo do projeto 2018

Por fim, a última atividade foi a elaboração de uma horta suspensa com garrafas pet. Solicitamos que trouxessem garrafas e também minhocas, porém poucos alunos responderam aos pedidos. Iniciamos mostrando um modelo e pedimos que escolhessem entre formato vertical ou horizontal e em duplas, trio ou individual, tendo cada aluno uma garrafa em mãos. Três trios foram formados, porém apenas um conseguiu concluir, os demais em geral fizeram individualmente. Pedimos que fizessem marcações de caneta hidrográfica na garrafa, antes de uma pessoa da equipe fazer o corte com estilete, finalizado por eles com tesoura sem ponta. Também foram distribuídas cordas e explicamos os procedimentos de montagem.

Pela novidade da atividade, tivemos dificuldade em dialogar com a turma, que estava bastante falante, novamente com alguns atritos entre os alunos. Mas um momento de maior calma foi diante de uma tarefa bastante complexa: passar a corda por dentro de um pequeno buraco feito pela equipe, atividade que demandou maior concentração de todos. Pedimos que pintassem com tinta guache seus nomes nas garrafas, e alguns alunos também fizeram pequenos desenhos coloridos, como flores.

Os alunos que iam finalizando os suportes da horta os colocavam, com a ajuda da equipe, em uma parede reservada para tal. Foram colocadas ainda pequenas pedras, antes de

ser colocada a terra, a ser depositada pelos alunos em seus suportes de garrafa pet. No mesmo dia, deixamos na escola um conjunto de baldes perfurados e adaptados para a compostagem de alimentos, solicitando aos alunos que trouxessem cascas de alimentos para alimentá-la, material que futuramente se tornaria adubo.

## **Considerações**

Trabalhar com criança é sempre um exercício de atenção, escuta e sutileza. Certamente a escolha das dinâmicas de abertura e fechamento dos encontros contribuiu suficientemente em relação a construção da intimidade, a avaliação do comportamento e interesse de cada aluno. Sabendo disso, foi imprescindível tomarmos a comunicação e o diálogo como aspectos favoráveis centrais, lembrando daquilo que outrora Freire (2005) alertava como sendo crucial para a relação ente educador/educando, onde o pensamento do primeiro deve estar sempre em conexão com a realidade no qual está inserido, na finalidade de orientar e mediar cuidadosamente este último. Atento para que não haja imposição de ideias e/ou conteúdo, o educador deve estar sempre com os pés e a mente fincados na realidade em que atua, favorecendo esse processo de maneira horizontal, avaliando e reconhecendo a importância do pensamento e das opiniões de cada aluno, para que estejam sempre em um nível de comunicação frutífera.

Estando em contato constante com os moradores da comunidade, são perceptíveis o cerne e a sensibilidade da Educação Quilombola que estão estritamente atrelados às relações de parentesco, ao convívio social e a transmissão oral de saberes ancestrais. Contar com a participação de moradoras antigas da comunidade – Maria Aparecida, Berenice - foi um privilégio no tocante do resgate de memórias através da história oral validadas a partir da experiência. Acerca disso, podemos afirmar que:

O conhecimento é construído em comunidade e em comunhão com o universo. As mulheres que possuem memória têm poder. É um poder ancestral partilhado em comunidade, cujo valor transcende o tempo e espaço. [...] é um tipo de saber diferente do racional, mas não se deve contrapô-lo à razão, pois é um saber tão “autêntico” como o saber “racional” científico. (MUSSKUPOF; STRÖHER, 2005, p.37)

Diante disso, pensando na perspectiva de Santana (2005), a Educação está posta aqui no seu sentido mais extenso e complexo, daí a necessidade de compreendê-la a partir de seu conteúdo repleto de sentidos subjetivos e elos de afetividade, que são marcantes para os sujeitos envolvidos nas relações possíveis dentro da comunidade e é dessa maneira que se dá a construção constante da identidade coletiva de um grupo. Portanto, foi desejo da comunidade e nosso, realizar atividades que se aproximassem ao cotidiano de Mituaçu, mas que não se encerrasse nisto, nem que isso barrasse outras possibilidades.

### **Bibliografia:**

FERREIRA, Augusta Eulália. CASTILHO, Suely Dulce de. *Reflexões sobre a educação escolar quilombola*. Revista de Pesquisa em Políticas Públicas, Edição nº 03, Mato Grosso, 2014. Acesso em 07/08/2018. Disponível em:  
<<http://periodicos.unb.br/index.php/rp3/article/view/11775>>

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

MUSSKUPOF, André S.; STRÖHER, Marga J. (org.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano em Gênero e religião - Sou negra e formosa: raça, gênero e religião*. Sindonal. 2005

PAIXÃO, Aline Maria Pinto da. *“Aqui todo mundo é parente”*: dinâmica territorial, organização social e identidade entre os quilombolas de Mituaçu, PB. (Monografia) Rio Tinto: [s.n.], 2014.

SANTANA, Carlos Eduardo carvalho. *Processos Educativos na Formação da Identidade em Comunidades Remanescentes de Quilombo: um estudo sobre Barra, Bananal e Riacho das Pedras*. UNEB, 2005. Acesso em 07/08/2018. Disponível em:  
[http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2005/carlos\\_eduardo\\_carvalho\\_de\\_santana.pdf](http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2005/carlos_eduardo_carvalho_de_santana.pdf)

SILVA, Hélio RS. *Uma situação etnográfica: andar e ver*. Horizontes Antropológicos, 15 (32), 171-188, 2009. Acesso em 04/08/2018. Disponível em:  
<<https://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832009000200008>>